

IDEAL DO CRÍTICO*

Exercer a crítica,¹ afigura-se a alguns que é uma fácil tarefa, como a outros parece igualmente fácil a tarefa do legislador; mas, para a representação literária, como para a representação política, é preciso ter alguma cousa² mais que um simples desejo de falar à multidão. Infelizmente é a opinião contrária que domina, e a crítica, desamparada pelos esclarecidos, é exercida pelos incompetentes.

São óbvias as consequências de uma tal situação. As musas, privadas de um farol seguro, correm o risco de naufragar nos mares sempre desconhecidos da publicidade. O erro produzirá o erro; amortecidos os nobres estímulos, abatidas as legítimas ambições, só um tribunal será acatado, e esse, se é o mais numeroso, é também o menos decisivo. O poeta oscilará entre as sentenças malconcebidas do crítico,³ e os arestos caprichosos da opinião; nenhuma luz, nenhum conselho, nada lhe mostrará o caminho que deve seguir,⁴ – e a morte próxima será o prêmio definitivo das suas fadigas e das suas lutas.

Chegamos já a estas tristes consequências? Não quero proferir um juízo, que seria temerário, mas qualquer pode notar com que largos intervalos aparecem as boas obras, e como são raras as publicações seladas por um talento verdadeiro. Quereis mudar esta situação aflitiva? Estabelecei a crítica, mas a crítica fecunda, e não a estéril, que nos aborrece e nos mata, que não reflete nem discute, que abate por capricho ou

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: DRJ (ano XLV, n. 243, p. 1, 8 out. 1865), OCA2008 (v. 3, p. 1101-1104) e MASA (p. 236-240). Texto-base: DRJ. O texto vem no Folhetim, com cinco colunas. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Em OCA2008, o título é “O ideal do crítico”. Editores: Gilson Santos, José Américo Miranda e Gracinéa I. Oliveira. A equipe editorial da *Machadiana Eletrônica* agradece à profa. Gracinéa I. Oliveira, que obteve fotocópias do “Ideal do crítico” no *Diário do Rio de Janeiro* (Rio de Janeiro, ano XLV, n. 243, p. 1, 8 out. 1865), em que o texto foi originalmente publicado e que não consta (até a presente data) na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional. Em MASA, a indicação do número do periódico (DRJ) em que o texto foi publicado pela primeira vez é 258.

¹ crítica,] crítica – em OCA2008 e em MASA.

² cousa] coisa – em OCA2008 e em MASA.

³ crítico,] crítico – em OCA2008.

⁴ seguir,] seguir – em OCA2008.

levanta por vaidade; estabelecei a crítica pensadora, sincera, perseverante, elevada,⁵ – será esse o meio de reerguer os ânimos, promover os estímulos, guiar os estreantes, corrigir os talentos feitos; condenai o ódio, a camaradagem e a indiferença,⁶ – essas três chagas da crítica de hoje, – ponde⁷ em lugar deles, a sinceridade, a solicitude e a justiça, – é só assim⁸ que teremos uma grande literatura.

É claro que a essa crítica, destinada a produzir tamanha reforma, deve-se exigir as condições e as virtudes que faltam à crítica dominante; – e para melhor definir⁹ o meu pensamento, eis o que eu exigiria no crítico do futuro.

O crítico atualmente aceito não prima pela ciência literária; creio até que uma das condições¹⁰ para desempenhar tão curioso papel, é despreocupar-se de todas as questões que entendem com o domínio da imaginação. Outra, entretanto, deve ser a marcha do crítico; longe de resumir em duas linhas,¹¹ – cujas frases já o tipógrafo as tem feitas, – o julgamento¹² de uma obra, cumpre-lhe meditar profundamente sobre ela, procurar-lhe o sentido íntimo, aplicar-lhe as leis poéticas, ver enfim até que ponto a imaginação e a verdade conferenciaram para aquela produção. Deste modo as conclusões do crítico servem tanto à obra concluída, como à obra em embrião. Crítica é análise,¹³ – a crítica que não analisa é a mais cômoda, mas não pode pretender a ser fecunda.

Para realizar tão multiplicadas obrigações, compreendo eu que não basta uma leitura superficial dos autores, nem a simples reprodução das impressões de um momento; pode-se, é verdade, fascinar o público, mediante uma fraseologia que se emprega sempre para louvar ou deprimir; mas no ânimo daqueles para quem uma frase nada vale, desde que não traz uma ideia, – esse meio¹⁴ é impotente, e essa crítica negativa.

Não compreendo o crítico sem consciência. A ciência e a consciência, eis as duas condições principais para exercer a crítica. A crítica útil e verdadeira será aquela que, em vez de modelar as suas sentenças por um interesse, quer seja o interesse do ódio, quer o da adulação ou da simpatia, procure reproduzir unicamente os juízos da sua

⁵ elevada,] elevada – em OCA2008 e em MASA.

⁶ indiferença,] indiferença – em OCA2008 e em MASA.

⁷ hoje, – ponde] hoje –, ponde – em OCA2008; hoje – ponde – em MASA.

⁸ justiça, – é só assim] justiça, é só assim – em OCA2008; justiça – é só assim – em MASA.

⁹ crítica dominante; – e para melhor definir] crítica dominante; e para melhor definir – em OCA2008; crítica dominante – e para melhor definir – em MASA.

¹⁰ condições] condições, – em OCA2008.

¹¹ linhas,] linhas – em OCA2008 e em MASA.

¹² feitas, – o julgamento] feitas –, o julgamento – em OCA2008; feitas – o julgamento (sem a vírgula, com travessão) – em MASA.

¹³ análise,] análise – em OCA2008 e em MASA.

¹⁴ ideia, – esse meio] ideia, esse meio – em OCA2008; ideia – esse meio (sem a vírgula, com travessão) – em MASA.

consciência. Ela deve ser sincera, sob pena de ser nula. Não lhe é dado defender nem os seus interesses pessoais, nem os alheios, mas somente a sua convicção, e a sua convicção,¹⁵ deve formar-se tão pura e tão¹⁶ alta, que não sofra a ação das circunstâncias externas.¹⁷ Pouco lhe deve importar as simpatias ou antipatias dos outros; um sorriso complacente, se pode ser recebido e retribuído com outro, não deve determinar, como a espada de Breno,¹⁸ o peso da balança; acima de tudo, dos sorrisos e das desatenções, está o dever de dizer a verdade, e em caso de dúvida, antes calá-la, que negá-la.

Com tais princípios, eu compreendo que é difícil viver; mas a crítica não é uma profissão de rosas, e se o é, é-o¹⁹ somente no que respeita à satisfação íntima de dizer a verdade.

Das duas condições indicadas acima decorrem naturalmente outras, tão necessárias como elas, ao exercício da crítica. A coerência é uma dessas condições, e só pode praticá-la o crítico verdadeiramente consciencioso. Com efeito, se o crítico, na manifestação dos seus juízos, deixa-se impressionar por circunstâncias estranhas às questões literárias, há de cair frequentemente na contradição, e os seus juízos de hoje serão a condenação das suas apreciações de ontem. Sem uma coerência perfeita, as suas sentenças perdem todo o vislumbre de autoridade, e abatendo-se à condição de ventoinha, movida ao sopro de todos os interesses e de todos os caprichos, o crítico fica sendo unicamente o oráculo dos seus inconscientes adutores.²⁰

O crítico deve ser independente,²¹ – independente em tudo e de tudo, – independente da vaidade²² dos autores e da vaidade própria. Não deve curar de inviolabilidades literárias, nem de cegas adorações; mas também deve ser independente das sugestões do orgulho, e das imposições do amor-próprio. A profissão do crítico deve ser uma luta constante contra todas essas dependências pessoais, que desautoram os seus juízos, sem deixar de perverter a opinião. Para que a crítica seja mestra, é preciso que seja imparcial, – armada²³ contra a insuficiência dos seus amigos, solícita

¹⁵ convicção,] convicção – em OCA2008 e em MASA.

¹⁶ tão] tã. – em DRJ. No jornal, o “o” final de “tão”, que está em final de linha, encontra-se no final da linha seguinte (formando a palavra inexistente “externaso”). A palavra “externas” termina o período, e o ponto que deveria seguir-se a ela encontra-se na linha superior, criando a forma “tã.” no jornal.

¹⁷ externas.] externaso – em DRJ. Ver a nota anterior.

¹⁸ Referência a um episódio da tomada de Roma pelos gaulêses (390 a.C.): Breno, chefe gaulês, foi quem negociou o fim do cerco a Roma com o tribuno militar Quinto Sulpício. O fim do cerco foi avaliado em 1000 libras de ouro. Breno, no momento da pesagem do ouro, teria insultado os romanos, colocando sua espada na balança e pronunciando estas palavras: “Ai dos vencidos!” (*Vae victis!*). (LÍVIO, 1989, v. 5, p. 445)

¹⁹ é-o] é-os – em DRJ.

²⁰ inconscientes adutores.] adutores. – em OCA2008.

²¹ independente.] independente – em OCA2008 e em MASA.

²² tudo, – independente da vaidade] tudo –, independente da vaidade – em OCA2008; tudo – independente da vaidade (com travessão, sem vírgula) – em MASA.

²³ imparcial, – armada] imparcial, armada – em OCA2008; imparcial – armada (com travessão, sem vírgula) – em MASA.

pelo mérito dos seus adversários, – e neste ponto,²⁴ a melhor lição que eu poderia apresentar aos olhos do crítico, seria aquela expressão de Cícero, quando César mandava levantar as estátuas de Pompeu: – “É levantando²⁵ as estátuas do teu inimigo que tu consolidas as tuas próprias estátuas.”²⁶

A tolerância é ainda uma virtude do crítico. A intolerância é cega, e a cegueira é um elemento do erro; o conselho e a moderação podem corrigir e encaminhar as inteligências; mas a intolerância nada produz que tenha as condições de fecundo e duradouro.

É preciso que o crítico seja tolerante, mesmo no terreno das diferenças de escola: se as preferências do crítico são pela escola romântica, cumpre não condenar, só por isso, as obras-primas que a tradição clássica nos legou, nem as obras meditadas que a musa moderna inspira; do mesmo modo devem os clássicos²⁷ fazer justiça às boas obras dos românticos e dos realistas, tão inteira justiça, como estes devem fazer às boas obras daqueles. Pode haver um homem de bem no corpo de um maometano, pode haver uma verdade na obra de um realista. A minha admiração pelo *Cid*²⁸ não me faz²⁹ obscurecer as belezas de *Ruy Blas*.³⁰ A crítica que, para não ter o trabalho de meditar e aprofundar, se limitasse a uma proscricção em massa, seria a crítica da destruição e do aniquilamento.

Será necessário dizer que uma das condições da crítica deve ser a urbanidade? Uma crítica que, para a expressão das suas ideias, só encontra fórmulas ásperas, pode perder as esperanças de influir e dirigir. Para muita gente será esse o meio de provar independência; mas os olhos experimentados farão muito pouco caso de uma independência que precisa sair da sala para mostrar que existe.

Moderação e urbanidade na expressão, eis o melhor meio de convencer; não há outro que seja tão eficaz. Se a delicadeza das maneiras é um dever de todo homem que vive entre homens, com mais razão é um dever do crítico, e o crítico deve ser delicado por excelência. Como a sua obrigação é dizer a verdade, e dizê-la ao que há de mais

²⁴ adversários, – e neste ponto,] adversários, e, neste ponto, – em OCA2008; adversários – e neste ponto, – em MASA.

²⁵ Pompeu: – “É levantando] Pompeu: “É levantando – em OCA2008.

²⁶ estátuas.”] estátuas”. – em OCA2008 e em MASA. A frase atribuída a Cícero parece ter sido retirada de Plutarco, que informa que “por ordem de César, foram erigidas as estátuas de Pompeu que haviam sido derrubadas e roubadas” e, nesta ocasião, “Cícero disse que, com esta demonstração de humanidade, César levantava as estátuas de Pompeu e consolidava as suas próprias.” (PLUTARCO, 2012, p. 162) Machado de Assis possuía, em sua biblioteca, diversas obras de Plutarco, inclusive dois volumes de *La vie des hommes illustres* (Paris: Firmin Didot, 1836 e 1838 – cf. JOBIM, 2001, p. 37.)

²⁷ os clássicos: entenda-se – “os críticos que preferem” os clássicos.

²⁸ *Cid*] *Cid*. – em DRJ; *Cid* – em OCA2008.

²⁹ faz] fez – em OCA2008.

³⁰ *Ruy Blas*] *Ruy-Blas* – em DRJ; *Ruy Blas* – em OCA2008. Apesar do tema espanhol, comum às duas obras, o jogo de oposições feito nesta passagem pelo crítico diz respeito a *Le Cid* (1636), de Corneille, a mais célebre peça do teatro clássico francês, e *Ruy Blas* (1838), de Victor Hugo, obra romântica.

susceptível³¹ neste mundo, que é a vaidade dos poetas, cumpre-lhe, a ele sobretudo, não esquecer nunca esse dever. De outro modo, o crítico passará o limite da discussão literária, para cair no terreno das questões pessoais; mudará o campo das ideias, em campo de palavras, de doestos, de recriminações, – se acaso³² uma boa dose de sangue frio, da parte do adversário, não tornar impassível³³ esse espetáculo indecente.

Tais são as condições, as virtudes e os deveres dos que se destinam à análise literária; se a tudo isto juntarmos uma última virtude, a virtude da perseverança, teremos completado o ideal do crítico.

Saber a matéria em que fala, procurar o espírito de um livro,³⁴ descarná-lo,³⁵ aprofundá-lo, até encontrar-lhe a alma, indagar³⁶ constantemente as leis do belo, tudo isso com a mão na consciência e a convicção nos lábios, adotar uma regra definida, a fim de não cair na contradição, ser franco sem aspereza, independente sem injustiça, tarefa nobre é essa que mais de um talento podia desempenhar, se se quisesse aplicar exclusivamente a ela. No meu entender é mesmo uma obrigação de todo aquele que se sentir com força de tentar a grande obra da análise conscienciosa, solícita e verdadeira.

Os resultados seriam imediatos e fecundos. As obras que passassem do cérebro do poeta para a consciência do crítico, em vez de serem tratadas conforme o seu bom ou mau humor, seriam sujeitas a uma análise severa, mas útil; o conselho substituiria a intolerância, a fórmula urbana entraria no lugar da expressão rústica, – a imparcialidade³⁷ daria leis, no lugar do capricho, da indiferença e da superficialidade.

Isto pelo que respeita aos poetas. Quanto à crítica dominante, como não se poderia sustentar por si, – ou procuraria³⁸ entrar na estrada dos deveres difíceis, mas nobres, – ou ficaria reduzida³⁹ a conquistar⁴⁰ de si própria,⁴¹ os aplausos que lhe negassem as inteligências esclarecidas.

Se esta reforma,⁴² que eu sonho, sem esperanças de uma realização próxima, viesse mudar a situação atual das cousas,⁴³ que talentos novos! que novos escritos! que

³¹ susceptível] suscetível – em MASA.

³² recriminações, – se acaso] recriminações, se acaso – em OCA2008.

³³ impassível] impossível – em OCA2008 e em MASA.

³⁴ livro] ivro – em DRJ (em início de linha).

³⁵ descarná-lo,] escarná-lo – em OCA2008.

³⁶ indagar] ndagar – em DRJ (em início de linha).

³⁷ rústica, – a imparcialidade] rústica, a imparcialidade – em OCA2008; rústica – a imparcialidade (com travessão, sem vírgula) – em MASA.

³⁸ por si, – ou procuraria] por si, ou procuraria – em OCA2008; por si – ou procuraria (com travessão, sem vírgula) – em MASA.

³⁹ nobres, – ou ficaria reduzida] nobres, ou ficaria reduzida – em OCA2008; nobres – ou ficaria reduzida (com travessão, sem vírgula) – em MASA.

⁴⁰ conquistar] consquistar, – em OCA2008.

⁴¹ própria,] própria – em MASA.

⁴² esta reforma,] essa reforma – em OCA2008.

⁴³ cousas,] coisas, – em OCA2008 e em MASA.

estímulos! que ambições! A arte tomaria novos aspectos aos olhos dos estreatantes; as leis poéticas,⁴⁴ – tão confundidas hoje, e tão caprichosas,⁴⁵ – seriam as únicas pelas quais se aferisse o merecimento das produções, – e a literatura,⁴⁶ alimentada ainda hoje por algum talento corajoso e bem encaminhado, – veria nascer⁴⁷ para ela um dia de florescimento e prosperidade. Tudo isso depende da crítica. Que ela apareça, convencida e resoluta, – e a sua obra⁴⁸ será a melhor obra dos nossos dias.

MACHADO DE ASSIS

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

DRJ – *Diário do Rio de Janeiro*.

MASA – *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*, 2013.

OCA2008 – *Obra completa*, 2008.

Referências

ASSIS, Machado de. Ideal do crítico. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, ano 45, n. 243, p. 1, 8 out. 1865.

ASSIS, Machado de. Ideal do crítico. *Cearense*, Fortaleza, ano XX, n. 1956, 19 nov. 1865. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=709506&pasta=ano%20186&pesq=&pagfis=6917>>.

ASSIS, Machado de. *Obra completa, em quatro volumes*. LEITE, Aloizio; CECILIO, Ana Lima; JAHN, Heloisa (Org.). 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. 4 v.

AZEVEDO, Sílvia Maria; DUSILEK, Adriana; CALLIPO, Daniela Mantarro. *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*. São Paulo: Unesp, 2013.

BLUTEAU, Raphael. Vocabulário português e latino. Disponível em: <<http://dicionarios.bbm.usp.br/en/dicionario/edicao/1>>.

⁴⁴ poéticas,] poéticas – em OCA2008 e em MASA.

⁴⁵ caprichosas,] caprichosas – em OCA2008 e em MASA.

⁴⁶ produções, – e a literatura,] produções, e a literatura – em OCA2008; produções – e a literatura, (com travessão, sem vírgula depois de “produções”) – em MASA. Em DRJ, a vírgula depois de “literatura”, em final de linha, está borrada.

⁴⁷ encaminhado, – veria nascer] encaminhado veria nascer – em OCA2008; encaminhado – veria nascer – em MASA.

⁴⁸ resoluta, – e a sua obra] resoluta, e a sua obra resoluta – em OCA2008; resoluta – e a sua obra (com travessão, sem vírgula) – em MASA.

CORNEILLE. *Le Cid*. Paris: Hachette, 1970.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUGO, Victor. *Ruy Blas*. Leipzig: Brockhaus et Avenarius, 1838. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k65112421>>.

JOBIM, José Luís. *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/Topbooks, 2001.

LÍVIO, Tito. *História de Roma*. Introdução, tradução e notas de Paulo Matos Peixoto. São Paulo: Paumape, 1989. v. 5.

PLUTARCO. *Vidas paralelas: Demóstenes e Cícero*. 2. ed. Tradução do grego, introdução e notas de Marta Várzeas. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

VOCABULÁRIO onomástico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Academia Brasileira de Letras / Global, 2009.